

PROTOCOLO PARA ATENDIMENTO AOS PACIENTES COM SUSPEITA DE DENGUE

2014



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

www.pbh.gov.br

Protocolo para atendimento aos pacientes com suspeita de dengue – 2014

Elaboração

Alexandre Sampaio Moura
Geralda Eni Rufino de Jesus
Jean Carlos dos Santos Barrado
Juliana Dias Santos
Luana Queiroga Mendes Ramos
Marcia Costa Ooteman Mendes
Maria Isabel Barbosa Mendes
Maria Luisa Fernandes Tostes
Maria Tereza da Costa Oliveira
Paula Martins
Paulo Roberto Lopes Correa

Projeto Gráfico

Produção Visual - Gerência de Comunicação Social
Secretaria Municipal de Saúde
Belo Horizonte 2013

Belo Horizonte
2013

Sumário

1	Como identificar um caso suspeito de dengue?	4
2	Que etapas devem ser seguidas no atendimento inicial ao paciente com suspeita de dengue?	4
3	Quais são as situações especiais que podem aumentar o risco de evolução desfavorável de um paciente com dengue?	6
4	Quais são os sinais/sintomas de alarme?	6
5	Quais são os sinais/sintomas de choque?	7
6	Em quem realizar e qual a interpretação da Prova do Laço?	7
7	Como realizar a Prova do Laço?	7
8	Quando solicitar o hemograma e qual a sua finalidade?	8
9	Quais exames laboratoriais devem ser realizados para diagnóstico etiológico da dengue e quando solicitá-los?	8
10	Qual profissional deve solicitar os exames?	9
11	Como os casos suspeitos de dengue devem ser classificados?	9

12	Como conduzir os casos do grupo A?	11
13	Como conduzir pacientes do grupo B?	11
14	Como conduzir pacientes do grupo C?	13
15	O que fazer com pacientes no grupo D (choque circulatório) ?	13
16	Quais as atribuições dos profissionais da ESF frente a um paciente com suspeita de dengue?	17
17	Como proceder no atendimento a um paciente com dengue em unidades de saúde que realizam acolhimento com classificação de risco de Manchester?.....	18
	Anexo 1 - Particularidades no manejo clínico da gestante.....	18
	Anexo 2 - Abordagem inicial da Síndrome do Choque do Dengue na sala de emergência.....	19
	Anexo 3 - Telefones para notificação imediata	21
	Referências Bibliográficas.....	24

1. Como identificar um caso suspeito de dengue?

A apresentação típica da dengue inclui a presença de febre há menos de 7 dias, acompanhada de pelo menos dois dos seguintes sintomas:

- Cefaléia
- Dor retro-orbitária
- Mialgia
- Artralgia
- Prostração
- Exantema
- Náuseas ou vômitos

A febre é geralmente a primeira manifestação, com início repentino e temperatura superior a 38°C. Apesar da febre estar presente na grande maioria dos pacientes sintomáticos, alguns pacientes podem apresentar início súbito dos outros sintomas da dengue, sem a presença de febre. Ressalta-se que a avaliação clínica, estadiamento e manejo de pacientes com formas afebris da doença não difere daquele preconizado para aqueles com a apresentação típica da doença.

O exantema em pacientes com dengue é geralmente máculo-papular, aparecendo simultaneamente em diversas regiões do corpo e podendo ser pruriginoso. Pode atingir o corpo todo, inclusive as mãos e pode ter aspecto confluyente.

Em crianças, a dengue pode se manifestar através de sintomas inespecíficos como dor abdominal, rubor facial, náuseas, vômitos, diarreia, anorexia e irritabilidade.

2. Que etapas devem ser seguidas no atendimento inicial ao paciente com suspeita de dengue?

- Pesquisar situações que aumentam o risco de evolução desfavorável (vide item 3) e ficar atento ao diagnóstico diferencial (quadro 1).
- Pesquisar sinais e sintomas de alarme durante anamnese e exame físico (vide item 4).
- Pesquisar sinais de choque durante exame físico (vide item 5).
- Medir:
 - pressão arterial em duas posições (deitado/sentado e em pé);
 - frequência do pulso;
 - temperatura axilar;
 - peso corporal.

- Realizar prova do laço (vide itens 6 e 7).
- Se indicado, coletar sangue para realização de hemograma e plaquetas na urgência (vide item 8).
- Coletar sangue para sorologia e/ou isolamento viral no momento apropriado (vide item 9).
- Preencher o cartão da dengue.
- Notificar todo caso suspeito em duas vias (uma para epidemiologia e uma para o laboratório/sorologia). Em caso de solicitação de NS1/ isolamento viral preencher 3ª via.

Quadro 1 - Considerações gerais sobre o diagnóstico diferencial da dengue.

- Para realização do diagnóstico diferencial, é fundamental pesquisar a história epidemiológica, avaliar eventual contato recente com doenças exantemáticas comuns na infância e pesquisar situação vacinal.
- Na história epidemiológica, perguntar sobre viagens nas últimas quatro semanas e contato com carrapatos, ratos ou água de enchente. Ficar atento ao diagnóstico diferencial com **malária** (se viagem para região da Amazônia Legal, África e Ásia), **febre amarela** (se paciente não vacinado com história de deslocamento para região Centro-Oeste, região da Amazônia Legal, África e Ásia). Mesmo em pacientes que não apresentaram deslocamento recente para outras regiões, pensar em **febre maculosa** (principalmente se história de contato com carrapatos) ou **leptospirose** (se contato com ratos ou água de enchente).
- O diagnóstico diferencial de quadros febris exantemáticos deve sempre incluir **rubéola, sarampo e escarlatina**. Destaca-se que exantema no sarampo e rubéola geralmente apresenta progressão céfalo-caudal diferentemente da dengue que pode iniciar em qualquer parte do corpo.
- O quadro inicial de infecções bacterianas potencialmente graves, como a **meningococcemia**, pode também se assemelhar ao quadro de dengue e o exame clínico atento é importante para diferenciação das infecções e indicação precoce de antibiótico na suspeita de sepse.
- A apresentação clínica inicial de várias doenças que fazem parte do diagnóstico diferencial são muito semelhantes e podem ser fatais sem tratamento específico. Diante de uma história epidemiológica compatível com diagnóstico alternativo, notificar a vigilância epidemiológica para discutir a conduta específica em cada situação (vide contatos no anexo 3).

3. Quais são as situações especiais que podem aumentar o risco de evolução desfavorável de um paciente com dengue?

- Gestantes
- Crianças (menores de 13 anos) e idosos (maiores de 65 anos)
- Portadores das seguintes comorbidades com potencial de descompensação clínica: hipertensão arterial sistêmica, cardiopatia, diabetes mellitus, asma, DPOC, doença hematológica (especialmente anemia falciforme) ou renal crônica, hepatopatia, doença cloridropéptica ou doença auto-imune, uso de anti-coagulante ou anti-agregante plaquetário, imunossupressores, anti-inflamatórios.
- Pacientes em risco social (as situações de risco social devem ser avaliadas individualmente e incluem aquelas que possam comprometer a adesão do paciente às recomendações de hidratação e/ou de acompanhamento clínico propostas para o caso em questão).

4. Quais são os sinais/sintomas de alarme?

- Dor abdominal intensa e contínua;
- Vômitos persistentes;
- Hipotensão postural (queda maior que 20 mmHg na PA sistólica ou 10 mmHg na PA diastólica em um intervalo de até 3 minutos após o paciente se colocar de pé);
- Lipotímia;
- Hepatomegalia dolorosa;
- Sangramento de mucosas (epistaxe, gengivorragia, hematótese, melena, metrorragia);
- Sonolência ou irritabilidade.
- Redução da diurese;
- Diminuição repentina da temperatura corporal ou hipotermia;
- Desconforto respiratório;
- Derrames cavitários (pleural, pericárdico, peritoneal, outros);
- Queda abrupta de plaquetas ou contagem de plaquetas abaixo de 50.000/mm³.
- Elevação repentina de hematócrito acima de 10% do valor basal ou do valor de referência (quadro 3).

5. Quais são os sinais/sintomas de choque?

- hipotensão arterial;
- pressão arterial convergente (PA diferencial < 20mmHg);
- extremidades frias, cianose;
- pulso rápido* e fino;
- enchimento capilar lento (> 2 segundos).

Adultos e crianças acima de 10 anos: > 100 bpm; crianças entre 1 e 10 anos: > 120 bpm; recém-nascidos: > 160 bpm;

6. Em quem realizar e qual a interpretação da Prova do Laço?

A prova do laço deve ser realizada em pacientes com suspeita clínica de dengue que não apresentem sinais clínicos de sangramento. A prova deverá ser repetida no acompanhamento clínico do paciente apenas se previamente negativa. A prova do laço positiva pode reforçar a hipótese de dengue e aponta para uma necessidade de maior atenção ao paciente. Entretanto, **é importante ressaltar que a prova do laço não confirma e nem exclui o diagnóstico de dengue.**

7. Como realizar a Prova do Laço?

- Medir a pressão arterial.
- Insuflar novamente o manguito até o ponto médio entre a pressão arterial máxima e mínima.
- Manter o manguito insuflado por 5 minutos em adultos e 3 minutos em crianças.
- Soltar o ar do manguito, retirá-lo do braço do paciente e procurar por petéquias no antebraço, abaixo da prega do cotovelo.
- Escolher o local de maior concentração de petéquias e marcar um quadrado com 2,5 cm de lado.
- Contar o número de petéquias dentro do quadrado.
- Considerar positiva quando houver 20 ou mais petéquias em adultos e 10 ou mais em crianças.

8. Quando solicitar o hemograma e qual a sua finalidade?

O exame de hemograma e plaquetas deve ser realizado em todos os pacientes com classificação clínica B, C ou D (vide item 11) e naqueles com risco aumentado (vide item 3) independentemente de sua classificação clínica. A periodicidade de repetição do exame ao longo do período de acompanhamento clínico do paciente irá depender da classificação clínica do paciente e está detalhada na abordagem específica de cada situação.

O hemograma tem como finalidade principal avaliar o hematócrito, para identificação de hemoconcentração. Hemoconcentração indica provável alteração de permeabilidade capilar (extravasamento plasmático), associado à gravidade, além de definir a necessidade de hidratação e resposta a terapia de reposição instituída. Queda de hematócrito pode sugerir hemorragias. A redução na contagem de plaquetas, principalmente quando associada à elevação concomitante do hematócrito, pode também indicar risco aumentado de evolução desfavorável.

9. Quais exames laboratoriais devem ser realizados para diagnóstico etiológico da dengue e quando solicitá-los?

Pacientes com suspeita clínica de dengue devem realizar exames para confirmação diagnóstica, de acordo com orientações abaixo:

- **Sorologia para dengue:** deve ser solicitada para todos os casos suspeitos de dengue e a amostra deve ser coletada **a partir do 6º dia do início dos sintomas**.
- **Teste rápido para detecção de antígeno viral (NS1):** é disponibilizado regularmente pela PBH para as Unidades de Pronto-Atendimento, Hospital Odilon Behrens e Hospital Infantil João Paulo II. De acordo com a situação epidemiológica, o teste é também realizado em Centros de Saúde selecionados e em Unidades de Reposição Volêmica. O objetivo principal deste teste é o diagnóstico precoce para manejo oportuno de casos graves ou com potencial de complicação devendo ser indicado prioritariamente para pacientes com sinais de alarme ou choque. Está indicado apenas para pacientes atendidos **nos primeiros 4 dias do início dos sintomas**. Apesar do teste NS1 apresentar boa sensibilidade e especificidade, **a interpretação do resultado deve ser feita com cautela e resultados negativos não afastam a possibilidade de dengue**.

- Isolamento viral: este exame é realizado em parte das amostras enviadas para realização de NS1. A PBH envia para realização de isolamento viral todas as amostras positivas no teste NS1 e um percentual de amostras negativas. Desta forma, o profissional de saúde não precisa preencher a solicitação deste exame já que a sua realização será avaliada a partir da triagem inicial com o teste NS1.

Observações:

a) Os critérios de indicação de realização dos exames de diagnóstico etiológico podem variar com a situação epidemiológica. A indicação de realização de sorologia para dengue pode ser limitada, em determinada região, por determinado período, quando existir uma situação epidêmica. **A realização de isolamento viral e NS1 pode ser ampliada nos períodos inter-epidêmicos em função da necessidade de monitoramento da circulação viral.**

b) Para pacientes com exantema, a FUNED realizará também sorologia para rubéola e sarampo. Desta forma, é importante o preenchimento correto do campo referente a este sintoma na ficha de notificação (SINAN).

c) Para pacientes graves, atendidos no 5º dia de doença, deve-se realizar coleta de amostra simultaneamente para NS1 e para sorologia de dengue. Apesar de não ser um período ótimo para realização destes exames, recomenda-se a coleta nestas condições pelo risco de evolução rápida para óbito. Nestas situações, deve-se sinalizar na notificação e no pedido este caráter de excepcionalidade e programar coleta de nova amostra de sorologia a partir do 6º dia de doença.

10. Qual profissional deve solicitar os exames?

Tanto o profissional médico quanto o enfermeiro podem solicitar exames de diagnóstico etiológico (sorologia e NS1/isolamento viral) e de avaliação da gravidade da doença (hemograma e plaquetas), de acordo com as orientações deste protocolo. A interpretação dos resultados de exames laboratoriais para fins de tomada de decisão clínica deve ser realizada por profissional médico.

11. Como os casos suspeitos de dengue devem ser classificados?

A classificação da dengue seguirá a recomendada pelo Ministério da Saúde (vide quadro 2). O paciente deve ser reclassificado a cada reavaliação clínica pois a dengue é uma doença dinâmica.

Quadro 2 - Classificação da gravidade da dengue

Manifestações	Grupo A	Grupo B	Grupo C	Grupo D
Prova do laço positiva/ petéquias ou situação especial*	Não	Sim	Sim ou Não	Sim ou Não
Sinais de alarme	Não	Não	Sim	Sim ou Não
Choque	Não	Não	Não	Sim

* a lista de condições que podem aumentar o risco de evolução desfavorável de um paciente com dengue e que configuram “situação especial” estão apresentadas no item 3.

Quadro 3. Valores de referência para hematócrito.

Valores normais de hematócrito

- Homens: 45%
- Mulheres 40%
- Crianças:
 - < 1 mês: 51%
 - 1 mês: 43%
 - 2 a 6 meses: 35%
 - 6 meses a 2 anos incompletos: 36%
 - 2 a 6 anos incompletos: 37%
 - 6 a 12 anos: 38%

Aumento de hematócrito em até 10% acima do valor de referência

- Homens: > 45% e ≤ 50%
- Mulheres: > 40% e ≤ 44%
- Crianças: calcular de acordo com os valores normais apresentados acima.

Aumento de hematócrito em mais de 10% acima do valor de referência

- Homens: > 50%
- Mulheres: > 44%
- Crianças: calcular de acordo com os valores normais apresentados acima.

12. Como conduzir os casos do grupo A?

- Os pacientes do grupo A não necessitam realizar obrigatoriamente exames laboratoriais para avaliação da gravidade da dengue.
- Para pacientes do grupo A que não realizarem hemograma e plaquetas ou que, no caso de sua realização, não apresentarem valores que configurem sinais de alarme (item 4) proceder da seguinte forma:
 - Prescrever paracetamol e/ou dipirona;
 - **Não utilizar salicilatos ou anti-inflamatórios não-esteróides;**
 - **Orientar repouso e hidratação oral conforme quadro 5;**
 - Notificar, preencher “cartão da dengue” e liberar paciente para o domicílio com orientações;
 - Orientar procura imediata de serviço de urgência em caso de manifestações hemorrágicas ou sinais/sintomas de alarme;
 - Orientar retorno para reavaliação no dia de melhora da febre devido ao risco de desenvolver FHD nesse período; se não houver defervescência, retornar no 5º dia de doença.
 - Solicitar ao ACS busca ativa de casos que não retornem.
 - Dar alta 24-48 após a defervescência se ausência de sinais de alarme.
 - Orientar sobre limpeza domiciliar de criadouros do *Aedes aegypti*.

13. Como conduzir pacientes do grupo B?

- Todos os pacientes do grupo B devem realizar hemograma e contagem de plaquetas e o resultado deve ser avaliado no mesmo dia. Em gestantes, considerar as particularidades descritas no anexo 1.
- Enquanto o paciente aguarda o resultado de hemograma e plaquetas, deve ser hidratado por via oral, de maneira supervisionada, preferencialmente na unidade de saúde, de acordo com as recomendações do quadro 4. Em caso de intolerância à hidratação oral, deve-se hidratar por via venosa, com soro fisiológico 0,9% com volume de 25 ml/kg em 6 horas (para pacientes idosos ou cardiopatas, iniciar com 250-500 ml, verificando atentamente a tolerância cardíaca), até a chegada do resultado de exames. Administrar paracetamol e/ou dipirona se houver necessidade.
- Se o paciente permanecer estável durante o período em que aguarda a realização de hemograma e plaquetas, a conduta será definida a partir da chegada do resultado destes exames (quadro 4). Caso o paciente apresente sinais de alarme e/ou choque durante este período, conduzir como grupo C ou D.

Quadro 4. Conduta para pacientes do grupo B a partir do resultado do hemograma.

Hematócrito normal ou com aumento de no máximo 10% do valor basal (na ausência de valor basal, utilizar valores de referência da quadro 3) e plaquetas > 50.000/mm³

- preencher “cartão da dengue”, liberar para o domicílio com prescrição de paracetamol (e/ou dipirona) e **orientações sobre hidratação oral vigorosa conforme grupo A (quadro 5)**.
 - Fornecer as seguintes orientações:
 - Procura imediata de serviço de urgência em caso de sinais de alarme.
 - **Retorno diário para reavaliação até o 7º dia de doença**
 - Orientar sobre limpeza domiciliar de criadouros do *Aedes aegypti*.
 - Preencher ficha de notificação e avisar imediatamente a Vigilância.
 - Repetir hemograma com plaquetas nas consultas de retorno, de acordo com avaliação clínica.
 - Dar alta após o 7º dia de doença se ausência de sinais de alarme.
- Em gestantes, considerar as particularidades descritas no anexo 1.

Hematócrito com aumento acima de 10% do valor basal (na ausência de valor basal, utilizar valores de referência da quadro 3) e/ou plaquetas < 50.000/mm³

- Encaminhar para UPA ou maternidade de referência para reavaliação clínica e do hematócrito após 4-6 horas de hidratação oral com sais de reidratação oral ou parenteral com soro fisiológico (adultos: 25ml/kg em 4 horas; crianças: 40ml/kg em 4 horas).
- Conduzir da seguinte forma, de acordo com as manifestações clínico-laboratoriais após esta fase de hidratação:
 - Se houver redução do hematócrito e não houver sinais de alarme:
 - preencher “cartão da dengue”, liberar para o domicílio com prescrição de paracetamol (e/ou dipirona) e orientações sobre hidratação oral vigorosa conforme grupo A (quadro 5).
 - Fornecer as seguintes orientações:
 - Retorno diário para reavaliação até o 7º dia de doença.
 - Procura imediata de serviço de urgência em caso de sinais de alarme.
 - Orientar sobre limpeza domiciliar de criadouros do *Aedes*.

- Preencher ficha de notificação e avisar imediatamente a Vigilância Epidemiológica, por telefone.
- Repetir hemograma com plaquetas nas consultas de retorno, de acordo com avaliação clínica.
- Dar alta após o 7º dia de doença se ausência de sinais de alarme.
- Se não houver redução do hematócrito ou se houver aparecimento de sinais de alarme:
 - conduzir conforme grupo C (vide item 14).

14. Como conduzir pacientes do grupo C?

- Internar em leito de serviço de urgência ou hospitalar por no mínimo 24 horas.
- Iniciar hidratação parenteral conforme orientações do quadro 6.
- Prescrever dipirona e/ou paracetamol conforme necessário.
- Preencher ficha de notificação e avisar imediatamente a Vigilância Epidemiológica, por telefone.
- Reavaliar clinicamente a cada 2 horas, repetir hematócrito a cada 4-6 horas e leucograma/plaquetas a cada 12 horas. Realizar exames de perfil hepático (AST, ALT, bilirrubinas, albumina), coagulação (AP/RNI, PTT), glicemia, eletrólitos e função renal (uréia, creatinina).
- Observar atentamente o surgimento ou piora dos sinais de alarme e/ou das alterações laboratoriais.
- Realizar estudos de imagem (radiografia de tórax em decúbito lateral ou ultra-som tóraco-abdominal) na suspeita de derrames cavitários.
- Avaliar diurese e monitorar o balanço hídrico.
- Caso haja melhora clínico-laboratorial após 24 horas (vide quadro 8), liberar para o domicílio com o cartão da dengue preenchido e com orientações em relação à hidratação oral vigorosa (vide quadro 5) e **controle clínico diário no Centro de Saúde.**
- **Em gestantes, seguir recomendações do anexo 1.**

15. O que fazer com pacientes no grupo D (choque circulatório) ?

- Iniciar imediatamente hidratação parenteral (conforme quadro 7) e abordagem do choque (anexo 2).
- Ofertar oxigenioterapia suplementar.

- Internar em leito de terapia intermediária ou intensiva.
- Realizar exames de perfil hepático (AST, ALT, bilirrubinas, albumina), coagulação (AP/RNI, PTT), glicemia, eletrólitos e função renal (uréia, creatinina).
- Repetir hemograma e demais exames conforme necessidade clínica.
- Realizar estudos de imagem (radiografia de tórax ou ultrassom tóraco-abdominal) na suspeita de derrames cavitários.
- Avaliar diurese e monitorar o balanço hídrico.
- Notificar imediatamente a Vigilância Epidemiológica, por telefone (anexo 3).
- Quando houver melhora clínico-laboratorial, conduzir como situação clínica C.

Quadro 5. Orientações para hidratação oral de pacientes com suspeita de dengue.

- **Importante:** deve-se realizar hidratação oral dos pacientes com suspeita de dengue ainda na sala de espera enquanto aguardam consulta médica.
- **Volume diário da hidratação oral:**
- **Adultos:** 60-80 ml/kg/dia
- **Crianças (< 13 anos de idade):** orientar paciente e o cuidador para hidratação, de preferência por via oral com volume de líquidos estimados de acordo com o peso (Regra de Holliday-Segar):
 - 100 ml/kg/dia até 10 Kg de peso corporal
 - 1.000 ml + 50 ml/kg/d para cada kg entre 10 e 20 kg e
 - 1.500 ml + 20 ml/kg/d para cada kg de peso corporal acima de 20 Kg
 - Observação: acrescentar 50 a 100 ml (crianças menores de 2 anos) ou 100 a 200 ml (crianças maiores de 2 anos de idade) para eventuais perdas por vômitos e diarreia.
- Oferecer 1/3 na forma de soro de reidratação oral (SRO) e o restante através da oferta de água, sucos e chás.
- Especificar em receita médica ou no cartão da dengue o volume a ser ingerido.
- Manter a hidratação durante todo o período febril e por até 24-48 horas após a defervescência da febre.
- A alimentação não deve ser interrompida durante a hidratação, mas administrada de acordo com a aceitação do paciente. O aleitamento materno deve ser mantido e estimulado.

Quadro 6. Orientações para hidratação parenteral do grupo C.

- **Fase de expansão:** hidratação IV imediata: 20ml/kg/h nas primeiras duas horas, com soro fisiológico ou ringer lactato.
- Reavaliação clínica e de hematócrito em 2 horas (após a etapa de hidratação).
- Avaliar diurese e monitorar o balanço hídrico.
- Repetir fase de expansão até três vezes se não houver melhora do hematócrito ou dos sinais hemodinâmicos.
- **Se resposta inadequada após as três fases de expansão, conduzir como Grupo D.**
- Se houver melhora clínica e laboratorial após fase de expansão, iniciar fase de manutenção (com soro fisiológico ou ringer lactato):

Adultos:

- Primeira fase: 25ml/kg em 6 horas.
- Segunda fase (se melhora com primeira fase): 25 ml/kh em 8 horas.
Obs: nestas fases, utilizar soro fisiológico no volume de 1/3 do total calculado e soro glicosado em 2/3 do total.

Crianças:

- Calcular necessidade hídrica basal, segundo a regra de Holliday-Segar (vide quadro 3) e acrescentar 50% do volume para reposição de perdas estimadas (causadas pela fuga capilar)
- Manter a hidratação em volume mínimo para manter boa perfusão e volume de diurese > 0,5 ml/kg/h;
- Reiniciar hidratação oral tão logo seja possível. A hidratação venosa é geralmente necessária por apenas 24-48 horas.
- Em idosos, cardiopatas ou com outras comorbidades que requeiram restrição hídrica, iniciar com volumes menores e monitorar atentamente a tolerância.

Quadro 7. Orientações para hidratação parenteral de pacientes com suspeita de dengue na situação D.

Situação D:

Paciente com choque: **Iniciar imediatamente de fase de expansão rápida com soro fisiológico (NaCl 0,9%) 20 ml/kg nos primeiros 15-30 minutos.** Se necessário, repetir por até três vezes, de acordo com avaliação clínica. Reavaliação clínica a cada 15-30 minutos e de hematócrito em 2 horas. Avaliar diurese e monitorar o balanço hídrico. Repetir fase de expansão até três vezes.

- **Se houver melhora clínica e laboratorial após fases de expansão, retornar para a fase de expansão do Grupo C e seguir a conduta recomendada para o grupo.**
- **Se a resposta for inadequada, avaliar a hemoconcentração.**

Hematócrito em ascensão e choque, após hidratação adequada:

Utilizar expansores plasmáticos: (albumina 0,5-1 g/kg); preparar solução de albumina a 5%: para cada 100 ml desta solução, usar 25 ml de albumina a 20% e 75 ml de SF a 0,9%); na falta desta, usar colóides sintéticos – 10 ml/kg/hora.

Hematócrito em queda e choque:

- Investigar hemorragias e coagulopatia de consumo:
- Se hemorragias transfundir o concentrado de hemácias (10 a 15 ml/kg/dia);
- Se coagulopatia, investigar coagulopatias de consumo e avaliar necessidade de uso de plasma (10 ml/Kg), vitamina K e Crioprecipitado (1 U para cada 5-10 kg);

Hematócrito em queda, sem sangramentos:

- Se instável, investigar hiper-hidratação, insuficiência cardíaca congestiva e tratar com diminuição da infusão de líquido, diuréticos e inotrópicos, quando necessário;
- Se estável, melhora clínica;
- Reavaliação clínica e laboratorial contínua.

Os pacientes precisam preencher todos os critérios abaixo:

- Melhora visível do quadro clínico;
- Estabilidade hemodinâmica;
- Hematócrito normal e estável;
- Plaquetas normais ou em ascensão, acima de 50.000 céls/mm³;
- Derrames cavitários, quando presentes, em regressão e sem repercussão clínica.

16. Quais as atribuições dos profissionais da ESF frente a um paciente com suspeita de dengue?

A suspeita clínica, a notificação de dengue, a orientação do paciente em relação a sinais de alarme e sobre a importância da hidratação oral adequada podem ser feitas por profissional médico, enfermeiro ou auxiliar/técnico de enfermagem, de acordo com as orientações deste protocolo.

A classificação clínica inicial dos casos suspeitos (conforme item 11), a solicitação dos exames apresentados nos itens 8 e 9 podem ser feitas por profissional enfermeiro ou médico. Orientações sobre contra-indicação ao uso de ácido acetil salicílico e anti-inflamatórios não hormonais (ex:diclofenaco, ibuprofeno, nimesulida) e a prescrição de sais de reidratação oral podem ser feitas por profissional enfermeiro ou médico. O profissional enfermeiro poderá prescrever antitérmicos (dipirona ou paracetamol) de acordo com as recomendações do Manual de Enfermagem do Ministério da Saúde (Brasil, 2013), para uso no Centro de Saúde, enquanto o paciente aguarda avaliação médica.

A interpretação de exames de hemograma e plaquetas, quando estes forem necessários, a classificação clínica final dos casos suspeitos, o estabelecimento do plano terapêutico, a prescrição de medicamentos para uso domiciliar e a eventual necessidade de suspensão de medicamentos anticoagulantes (vide anexo 1 do Manual Técnico do Ministério da Saúde (Brasil, 2011)) devem ser feitas por profissional médico.

A busca ativa de casos para acompanhamento clínico e coleta de exames laboratoriais devem ser feitas pelo agente comunitário de saúde, sob coordenação do enfermeiro ou médico da equipe, ou do gerente da unidade.

17. Como proceder no atendimento a um paciente com dengue em unidades de saúde que realizam acolhimento com classificação de risco de Manchester?

Usuários com suspeita de dengue classificados como **vermelho ou laranja** serão encaminhados imediatamente para atendimento médico.

Usuários com suspeita de dengue classificados como **amarelo ou verde** deverão ser encaminhados pelo enfermeiro classificador para o enfermeiro/ auxiliar de enfermagem responsável pela sala de observação para aferição de dados clínicos adicionais (ex: prova do laço, PA em duas posições), preenchimento do cartão da dengue e início da hidratação oral até o atendimento pelo médico que conduzirá o caso conforme a classificação de dengue apresentada neste protocolo. Os casos suspeitos de dengue serão definidos como prioritários dentro da prioridade clínica estabelecida na classificação de risco de Manchester.

Anexo 1. Particularidades no manejo clínico da gestante.

Em gestantes, a dengue pode aumentar o risco de trabalho de parto prematuro, de óbito fetal intra-uterino, de sofrimento fetal agudo e, quando a infecção na gestante ocorre na última semana de gestação, pode ocorrer a transmissão do vírus da dengue para o feto (dengue congênita). Quando a infecção ocorre próxima ao parto, é maior o risco de hemorragias materna e fetal. As manifestações hemorrágicas da dengue em gestantes podem se manifestar já no primeiro dia da doença.

O profissional de saúde deve estar mais atento à avaliação clínica inicial e ao acompanhamento, devido às alterações fisiológicas da gravidez, que, apesar de não interferirem na doença, podem interferir na sua apresentação clílica. Quando ocorre o extravasamento plasmático na grávida com dengue, suas manifestações tais como taquicardia, hipotensão postural e hemoconcentração podem demorar mais tempo para aparecer ou, se aparecerem, podem ser confundidas com alterações fisiológicas da gravidez. Pacientes gestantes devem ser manejadas clinicamente de acordo com o estadiamento clínico da dengue apresentado no item 11. **Toda gestante deve realizar hemograma e plaquetas na avaliação inicial** e os demais exames devem seguir as mesmas orientações para os demais pacientes.

Como o comportamento fisiopatológico é semelhante àquele visto nos demais pacientes, o tratamento da dengue na gestante é semelhante, sendo

fundamental o acompanhamento clínico atento e a vigilância das pacientes. **Conforme recomendação do protocolo do Ministério da Saúde, a gestante que apresentar qualquer sinal de alarme ou de choque e que tiver indicação de reposição volêmica, deverá receber volume igual àquele prescrito aos demais pacientes, de acordo com o estadiamento clínico. Em gestantes, deve-se ter atenção redobrada para evitar a hiper-hidratação quando da reposição volêmica.**

Lembrar que o aumento do volume uterino, a partir da 20ª semana de gestação, leva a compressão da veia cava; toda gestante, quando deitada, deve ficar em decúbito lateral preferencialmente esquerdo. **O diagnóstico diferencial de dengue na gestação, principalmente nos casos de dengue grave, inclui pré-eclampsia, síndrome HELLP e sepse**, lembrando que eles não só pode mimetizar seu quadro clínico, como podem também estar concomitantemente presentes.

As gestantes com estadiamento B que tenham alterações no exame de hemograma e plaquetas, ou com estadiamento C e D, independentemente do resultado de exames laboratoriais, devem ser encaminhadas e manejadas clinicamente nas maternidades de referência. Atenção especial deve ser dada à avaliação obstétrica quanto ao bem estar materno e fetal. Deve-se ter cuidado com a possibilidade de ocorrer descolamento prematuro da placenta normoinserida e outras alterações que levem a sangramentos de origem obstétrica. As gestantes do grupo B sem alterações laboratoriais podem ser acompanhadas ambulatorialmente, devendo ser orientadas em relação à hidratação oral vigorosa, sinais de alarme e a necessidade de reavaliação clínico-laboratorial diária no Centro de Saúde até o 7º dia de doença.

Anexo 2. Abordagem inicial da Síndrome do Choque do Dengue na sala de emergência

O tratamento da Síndrome do Choque do Dengue não difere daquele dispensado a qualquer paciente chocado. A abordagem destes pacientes deve ser sistematizada, com atenção à adequada manutenção das funções respiratória e circulatória.

Manutenção da função respiratória

1. Suplementação de O₂ por máscara ou cateter nasal, no maior volume possível, até o limite de 10 l/min. Para crianças < 1 ano, usar

Hood fechado com 8 litros por minuto.

2. Monitorização com oximetria de pulso, objetivando saturação de O₂ > 92%.
3. Em casos onde a oferta de O₂ não for suficiente, deve-se precocemente realizar intubação endotraqueal e ventilação mecânica.
4. Exame clínico dos campos pulmonares, com atenção à ventilação e ruídos adventícios.

Manutenção da função circulatória

1. Pesquisar atentamente sinais de hipoperfusão.
2. Instalar dois acessos vasculares periféricos de grosso calibre
3. Iniciar reposição volêmica, conforme apresentado no quadro 5.
4. Persistência do choque, após início da hidratação:
 - 4.1. Passar SVD, puncionar veia central e instalar medida de pressão venosa central (PVC)
 - 4.1.1. PVC baixa ou normal: manter infusão de volume até normalização de PA, sinais de congestão pulmonar, ou elevação importante da PVC
 - 4.1.2. PVC alta: Utilizar dopamina na dose inicial de 5 µg/kg/min, aumentando progressivamente as doses até obter a estabilização dos parâmetros hemodinâmicos
5. Providenciar vaga em Centro de Terapia Intensiva (CTI)
6. Colher sangue para exames laboratoriais:
 - prova cruzada para sangue e derivados
 - hemograma com plaquetas
 - coagulograma completo
 - gasometria arterial
 - hemoculturas (em ambiente hospitalar)
8. Avaliar necessidade de hemoderivados. Em caso de hemorragias ou queda significativa de hemoglobina, com coagulograma alterado, corrigir especificamente distúrbios da hemostasia, utilizando plasma fresco congelado (10 ml/Kg), plaquetas (1 unidade/7 Kg) e, se necessário, crioprecipitado (1 unidade/10Kg)
9. Iniciar ceftriaxona e reavaliar com 48 horas, pela dificuldade de diagnóstico diferencial com sepse bacteriana, em especial meningococemia. A posologia preconizada para adultos é 2g EV de 12/12 horas e para crianças com mais de 3 meses de idade, 50mg/kg EV de 12/12 horas (até o limite de 2g de 12/12 horas). Em recém-nascidos e lactantes de até 3 meses de idade,

deve-se utilizar o esquema antimicrobiana adequado, conforme avaliação médica.

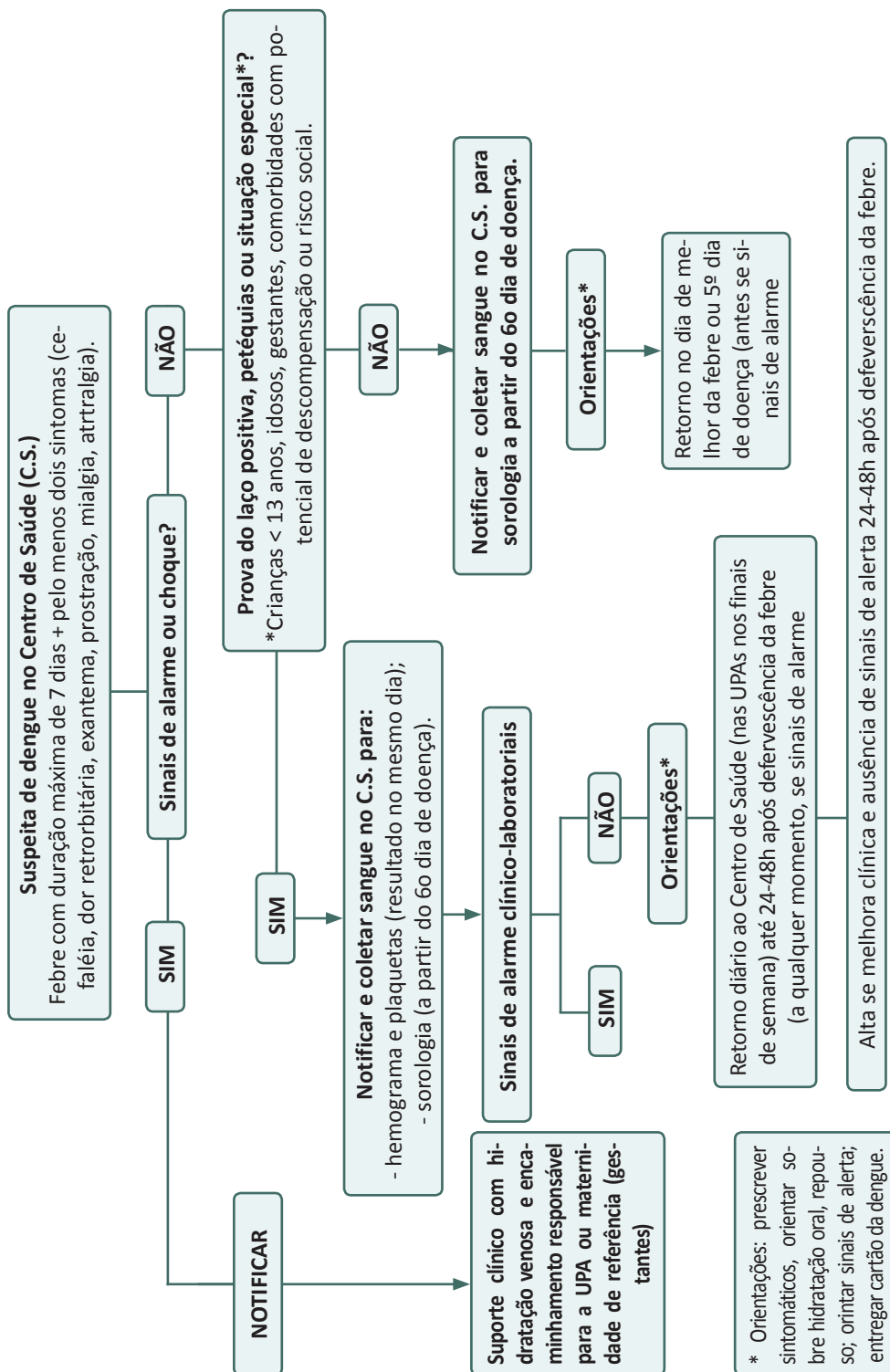
10. Realizar transporte responsável, fazendo contato prévio com a unidade receptora.

Anexo 3 – Telefones para notificação imediata

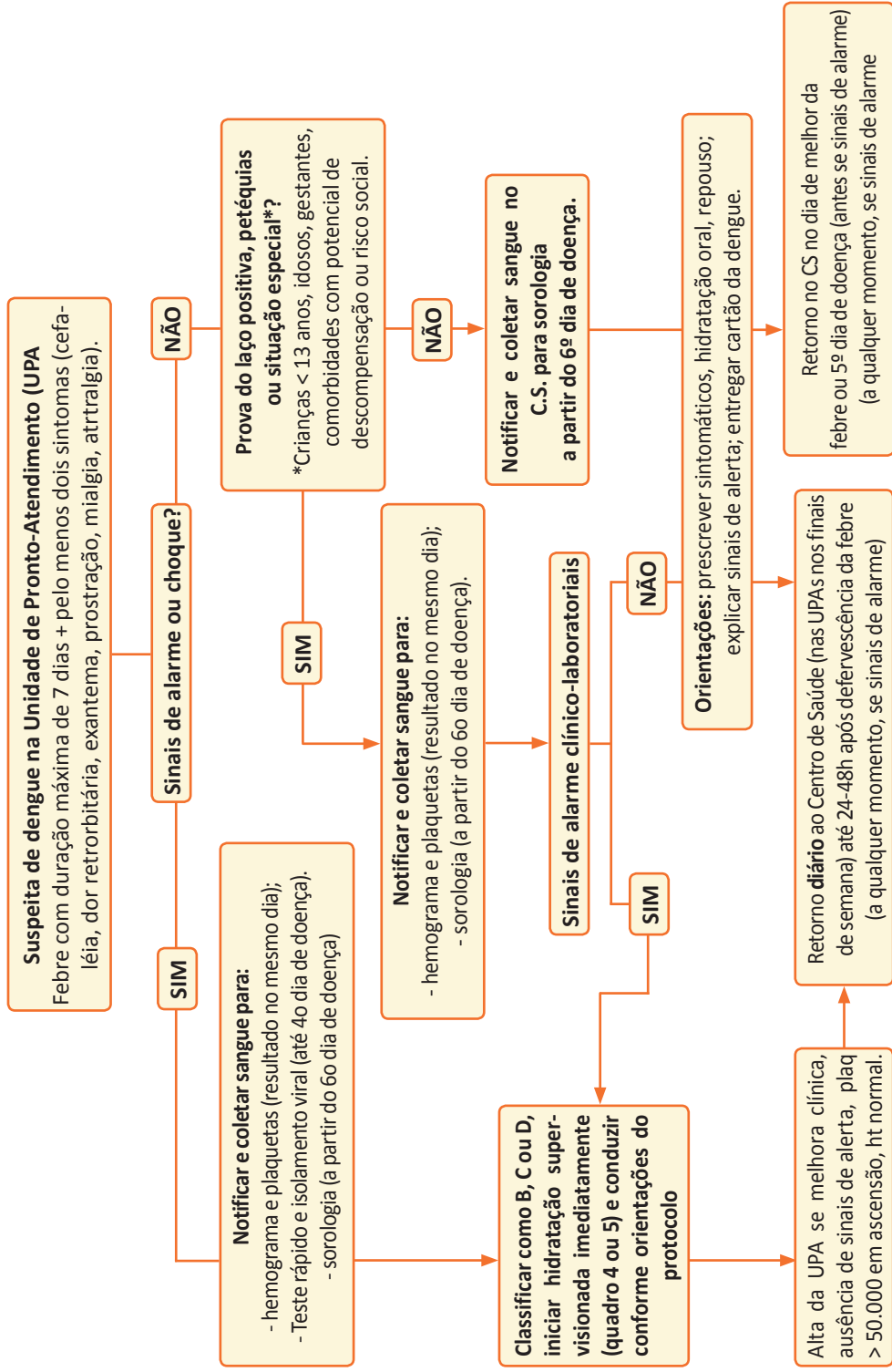
- Dias úteis, de 8 às 18 horas: Gerência de Epidemiologia dos Distritos Sanitários.
- Outros horários: 8835-3120 (Plantão da Epidemiologia).

TELEFONE DO PLANTÃO E DAS VIGILÂNCIAS EPIDEMIOLÓGICAS (Plantão 24h: 8835-3120)		
Barreiro: 3277-5897	Nordeste: 3277-6241/6242	Oeste: 3277-7082
Centro-Sul: 3277-4331	Noroeste: 3277-7645	Pampulha: 3277-7938
Leste: 3277-4477	Norte: 3277-7853	Venda Nova: 3277-5413

MANEJO DA DENGUE NO CENTRO DE SAÚDE



MANEJO DA DENGUE NAS UNIDADES DE URGÊNCIA



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Diretoria Técnica de Gestão. Dengue: diagnóstico e manejo clínico - adulto e criança. 4. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Dengue: manual de enfermagem. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Diretrizes nacionais para prevenção e controle de epidemias de dengue. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- Moura AD. Choque em paciente com dengue – Abordagem inicial. Curso de treinamento dos profissionais de saúde da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte: Abordagem clínica da febre hemorrágica do dengue e síndrome do choque.
- Organização Panamericana de Saúde. OPS/OMS. Guías de atención para enfermos de dengue em la región de las Américas. La Paz: OPS/OMS, 2010.
- Organização Mundial de Saúde. OMS. Dengue: guidelines for diagnosis, treatment, prevention and control. 3. ed. Geneva: WHO Press, 2009.
- Prata A, Rosa APAT, Teixeira G, Coelho ICB, Tavares-Neto J, Dias J, Figueiredo LTM, Dietze R, Valls R, Maris S, Alecrim W. Condutas terapêuticas e de suporte no paciente com dengue hemorrágico. IESUS, v. 6, n. 2, 1997.
- Verdeal, JCR, Costa Filho, R, Vanzillotta, C, Macedo, GL, Bozza, FA, Toscano, L, Prata, A, Tanner, AC, Machado, FR. Recomendações para o manejo de formas graves de dengue. Rev Bras Ter Intensiva, v. 23, n. 2, p. 125-132, 2011.



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

www.pbh.gov.br